

Depoimento de adoção, para construir um sonho ou confirmar em cada um que se abre a este maravilhoso ato

Lourdes Rodrigues da Silva Ferreira

Meu nome é Lourdes Rodrigues da Silva Ferreira, sou casada há 25 anos com Geraldo Marcelo Ferreira, moramos em Igaratinga - MG e somos pais adotivos de Giovanna, que tem 11 anos, e Andressa, com 4. Quero descrever um pouco de uma longa caminhada que se iniciou quando tínhamos três anos de casados, resolvemos que queríamos um filho(a), começamos a jornada em busca desse sonho, pois procuramos médicos, fizemos exames, mas com resultados negativos para a gravidez. Choramos muito, sofremos com muita ansiedade, complexo de inferioridade e decepções.

Porém, o tempo foi passando, exames normais, não encontravam nenhum problema, clínicas famosas e nada de gravidez, até que um dia um médico disse: “Vocês são aqueles casais que não engravidam, e quando acontece de engravidar, perdem, sem explicação na medicina, com 1% acontece isso.” Fiquei grávida de dias e perdi sem explicação, aborto espontâneo. Com isso, o tempo foi passando, a idade e as chances diminuindo a cada dia, então resolvemos entrar na fila da adoção, procuramos o fórum, fizemos os procedimentos e começamos o processo, achávamos tudo difícil e que tudo era sem necessidade, mas estávamos fazendo. Até que começamos a visitar a psicóloga, não entendia o porquê de tanta pergunta, achava estranho demais; resolvi procurar o fórum e sair da fila, pois estava fazendo um novo tratamento e não tinha me preparado realmente para adoção.

Continuei tratando, mas sem sucesso, até chegar ao ponto de a médica dizer: “Somente inseminação” — e isso foi o meu limite, não tinha mais psicológico para suportar tanta pressão. Sentia-me menos que as outras mulheres que eram mães, e a cada dia me sentia pior com um grande complexo de inferioridade e uma enorme cobrança comigo mesma. Falava com o meu marido que eu estava o impedindo de ser pai, por minha causa, e ele me dizia que não, pois o problema podia ser com ele também.

Comecei, então, a ler livros sobre adoção, assistir a palestras, e um dia ouvi: “O que você quer, barriga ou filho?”. Fui trabalhando essa ideia e nós resolvemos procurar novamente o fórum, não aguentávamos mais a vontade de sermos pais. Chegamos ao fórum em Pará de Minas - MG, preparamos tudo novamente, todos os papéis, e fomos à primeira turma que iniciou o curso de preparação de nove meses. Foi uma benção! Fiz como se estivesse fazendo meu pré-natal, ouvia cada palestra, cada testemunho e me sentia mais perto de ser mãe,

quando estava lá. Nossa! Aprendi muito! Porque quando chegamos ao fórum para uma adoção, estamos frustrados, cansados e sem esperanças, querendo resolver depressa a situação. Chegamos achando que poderíamos levar uma criança assim que arrumássemos os papéis, porque o que ouvíamos na rua é que existem crianças demais para serem adotadas, então tudo certo, nós estávamos loucos para ter uma criança, e com tantas...

Entretanto, a realidade é diferente, e quanto mais nova se deseja uma criança, mais difícil e maior o tempo da espera por ela. Há muitas crianças nos abrigos, mas a justiça fica de mãos atadas para resolver, porque sempre tem aquela tia ou avó que diz que vai ficar com a criança, mas o tempo passa e resolvem não ficar. Então anos se passam, a justiça tentando recuperar a família, fazendo todo possível para resolver da melhor maneira para todos, inclusive para as crianças, que é o mais importante.

Os dias foram passando, a ansiedade cada dia maior e, de repente, apareceu uma oportunidade de ser mãe, do jeitinho mais rápido que esperar na justiça, então pensei “é agora!”. Conversei com uma mulher que tinha doado um menino para os padrinhos, tinha uma menina de 4 anos e estava grávida e não queria a gravidez de jeito nenhum. Não sabia nem quantos meses, mas estava quase ganhando, comprei roupinhas, lavei, coloquei no arame e pensando o tempo todo na criança, ganhei até uma banheira. Marquei um médico particular e levamos ela para fazer o ultrassom para saber de quantos meses estava e qual seria o sexo, ela levou a outra filha dela conosco. Chegando lá, começou o ultrassom e eu do lado com o meu coração disparado de felicidade, e o médico fazendo perguntas às quais ela não sabia responder. Pedi para ela sair um pouco e mexer com a barriga, pois não ele não estava conseguindo ver o sexo da criança, fiquei quase louca quando vi o jeito que ela fazia com a barriga, torcendo. Voltamos à sala e conseguimos ver, era uma menina, ela ficou emocionada e disse: “Nossa! Uma menina”, a irmãzinha já estava até escolhendo nome para ela. Fiquei em silêncio, achando tudo muito estranho, pois me disse que não queria de jeito nenhum, mas agora muda de ideia?

Quando saímos, meu marido estava esperando a gente, mas, no caminho, ela começou a dizer que a filha que ela esperava era de um traficante e que ele disse que, se ela desse a criança para alguém, iria dar um tiro na testa dela. Fomos almoçar e ela enfiava a mão no estômago para a menina comer mais, pegou a carne, enrolou em um guardanapo para levar para a casa. Pense em uma pessoa sem nenhuma estrutura, era essa pobre mãe. Quando a deixamos em casa, meu esposo disse: “Pode ligar para ela e dizer que não vamos querer de jeito nenhum.” Era como se eu estivesse abortando mais uma vez, foi uma perda enorme para mim, mas foi necessária a posição firme de meu esposo, pois eu estava agindo somente com sentimentos. Isso aconteceu em dezembro de 2012.

Depois de dois anos e meio, no dia 1º de maio de 2013, recebi uma ligação do fórum e a psicóloga me perguntou: “Já ligaram para você?” Naquela enorme ansiedade, pensei, “só isso? Não é a criança que tanto espero!”. Foi quando começou a me falar que havia uma criança, mas que não estava tudo resolvido, teríamos que conversar para ver se daria certo, fiquei louca, já disse “está tudo certo, eu quero! Que dia posso pegá-la?” Foi quando ela falou que era uma menina. que tinha 4 anos e 6 meses, de cor parda. Marcamos na segunda-feira para conversar, mas na situação em que ela se encontrava, nós não poderíamos vê-la, pois estava com outra família; pedi uma foto, e a juíza disse que podia, depois de conversarmos. E assim começou a nos relatar: a mãe biológica era alcoólatra, ficou com a avó, que também começou a beber demais e não conseguiu ficar com ela, um tio levou para a casa dele, até que um dia ela, com o rosto todo roxo, apareceu no fórum e novamente voltou para o abrigo. Nesse momento, o fórum já tinha trabalhado todas as possibilidades com a família e não tinha mais o que fazer, foi decidido oficializar para adoção. Um casal, que já tinha um filho biológico, conviveu com a criança durante três meses, levando-a todo final de semana para casa; quanto aos papéis, não havia nada que o proibisse de levar a criança para a convivência, mas o seu coração não estava preparado para esse ato de amor tão grande. Esse período foi uma batalha, a criança foi morar com eles com a guarda provisória, eles mudaram o primeiro nome dela, não aceitando a origem e nada que viveu. A psicóloga fazia entrevistas, orientava e dizia que não poderia continuar assim, mas nada mudava, foi decidido com muita dor no coração que teria que sair de lá, e começar novamente outra vida para ela.

Contando-nos toda essa história, a psicóloga perguntou se a queríamos realmente, porque ela não aguentaria mais ser rejeitada, que não poderíamos decepcioná-la de jeito nenhum, teria que ser uma decisão certa e que tínhamos que ajudá-la a viver um luto de perder uma família, que ela não entendia o porquê de tanta rejeição, por isso aceitava tudo para ficar. Respondemos com muita alegria, claro que sim, queremos e vamos ajudá-la, nosso sonho é maior que essas dificuldades. Então nos mostrou a foto dela e nós nos apaixonamos imediatamente, meu esposo disse: “Então essa é nossa filha? Que benção!” Amor à primeira vista. A psicóloga marcou o dia, e estando tudo combinado, estaríamos no abrigo com outras crianças sem a deixar perceber que estávamos lá por causa dela, havia outros adultos também, fizeram um bolo de aniversário e enfeitaram o local com balões. A psicóloga e a assistente social foram para a missão difícil de buscá-la da casa de onde estava para o abrigo. Quando chegaram ao abrigo, todos estavam reunidos e nós ansiosos para vê-la, chegou nos braços da psicóloga chorando, agarrada no pescoço dela com muito medo de tudo. Eu cheguei perto e perguntei “está tudo bem?” “Não!” Respondeu chorando. Meu marido chegou perto, ela olhou para ele e disse: “Parece que já vi você?” E pulou no pescoço dele, e chamou a gente

para dentro e foi mostrando todo o abrigo para nós, onde era o quarto dela, brinquedos e tudo mais, não deixava a gente por nada.

Fizemos tudo como a psicóloga pediu, nos apresentamos como amigos dela, mas ela, muito esperta, percebeu que seríamos os seus pais. Nem ligou para balões e para o bolo e muito menos para as pessoas que ali estavam. Não demorou muito, ela nos pediu para ir para nossa casa, eu fui conversar com a psicóloga para que ela me orientasse sobre isso. “Expliquei para ela que vocês vão voltar, que hoje não pode” — disse-me a psicóloga. Ela tinha nos explicado que seria necessária essa dor, porque, caso contrário, ela sentiria que a gente a estava tirando de outra família, era preciso esse processo, sabendo que seria muito doloroso para ela.

A psicóloga e a assistente social ficaram espantadas como ela nos adotou tão rápido, parecíamos que tínhamos nascido uns para os outros. Na hora em que a psicóloga e a assistente social estavam indo embora, ela, agarrada à grade do portão, gritava: “Por favor, me deixe ir para casa deles!” Nossos corações ficaram despedaçados ouvindo isso. Chegou a hora de irmos também, que dificuldade, o medo dela era de não voltarmos mais lá, queria de todo jeito ir conosco. Chorava muito, explicamos para ela que íamos voltar e passear com ela. No mesmo dia, ela disse, no abrigo, a uma funcionária, “você viu meus pais?”, ela disse “quais?”, “Aqueles que saíram daqui agora”. No outro dia, quando chegamos lá, o sorriso nos esperava, já veio correndo nos abraçar. Como tinha um parquinho fechado bem pertinho, fomos com ela para lá, não queria comer nada, só brincar, e nós babando atrás dela, parecendo que era um recém-nascido de tanto que protegíamos. Chegou a hora de ir embora, mais choro e insegurança. Na sexta-feira, conseguimos autorização para levá-la para nossa casa e começar as visitas de final de semana.

Gente! Vocês não imaginam a felicidade dos nossos corações, estavam disparados de tanta felicidade. Assinamos tudo no abrigo, com data e hora marcadas, para a levarmos novamente no domingo às 19h. Quando chegamos em casa, ela olhou detalhe por detalhe e disse: “Que casa linda! Gostei demais dessa casa”. Minha mãe e minhas irmãs vieram nos visitar, ela escondia de medo de todos. Na sexta-feira mesmo, ela pediu para brincar de mamãe e filhinha, e eu lhe perguntei: “Mas quem será a mamãe?”, e ela respondeu: “Você, e ele, o papai.” Quando começou a nos chamar assim, a alegria era tão grande, que ela percebeu, e passou a nos chamar só assim, pedindo para que a gente, se nos perguntassem, dizermos que ela era nossa filha. Amamos a ideia e ficou combinado assim. Passeamos com ela na casa do pai de meu esposo, na casa de minha mãe e irmãos, todos com muito carinho. Ela não aceitava mais o nome dela, disse que era feio, começamos a dizer que não era feio, e sim lindo. E que o nome dela tinha a mesma letrinha do papai dela.

O domingo chegou para devolvê-la no abrigo, que dor no peito, que angústia. Fiz ela dormir e a deixei lá, saímos chorando. Quando chegamos em casa, que vazio, que falta ela nos fazia. Na segunda-feira, fui ao advogado e expliquei para ele o que tinha que fazer para arrumar os papéis para ela ir definitivamente para a nossa casa, ele nos perguntou: “Mas quanto tempo tem que vocês a estão levando para o final de semana?” “Este foi o primeiro”, “muito pouco, vocês têm que esperar mais para decidir”; nós falamos para ele que já estávamos decididos, que era isso que queríamos. Fui ao fórum e lá estava a assistente social, expliquei tudo para ela, que queria a menina, pois é a nossa filha, e o que não queríamos mais é devolvê-la ao abrigo, nem ficar longe dela. Conversou, disse que iria arrumar tudo, mas era para ficarmos tranquilos, que isso era necessário para todos, para a gente acostumar com a ideia maravilhosa de tê-la em nossas vidas e ela também.

Fomos ao abrigo mais uma vez, para buscá-la, e a confiança dela com a gente foi aumentando, vendo que voltaríamos para pegá-la, corria até nós. Mais um final de semana, que alegria buscar para casa, não sabia quem ficava mais feliz, se era ela ou nós. E nesse final de semana, nos disse: “Não me leva para o abrigo mais não, quero morar aqui com vocês”. Nosso coração despedaçado falava para ela: “Temos que te levar, pois assinamos um papelzinho lá e se não te levar eles podem prender o papai e a mamãe, enquanto não fizer outro papelzinho, você não pode vir para morar conosco”. Ela tinha tanto medo das pessoas, que só andava em cima do pescoço do meu esposo, mas o choro era dela e nosso também, por devolvê-la.

Mais ou menos 15 dias do nosso último encontro, ela pediu no abrigo para conversar com a moça que ia fazer o papelzinho para ela. Ela disse à psicóloga: “Por favor, faz o papelzinho para eu morar para sempre com o papai e a mamãe”. Foi algo extraordinário, não falamos nada para ela, ela mesma tomou essa atitude. Que gracinha! O sofrimento fazia tomar atitudes e ser forte. E foi assim durante 30 dias, e ela começou a adoecer de vontade de ir para nossa casa, e a gente também, emagreci três quilos de tanto chorar para devolvê-la.

Então, finalmente, chegou o dia em que a Juíza assinou para ela vir para nossa casa, imagina a alegria de todos! Ela veio toda feliz, explicamos para ela que não íamos devolvê-la nunca mais. Colocamos ela no balé, na escolinha. Ela falava da outra família, dizendo: “Sabe, eu tinha outra mãe, que me dizia que eu era filha do abrigo, e que não podia me dar nada, comprava tudo para meu irmão e para mim não. Um dia ela deu uma bicicleta para ele e não me deu nada”. Quando chegou o dia das crianças, nós compramos a bicicleta para ela, os olhinhos brilhavam de alegria, nossa menina era apaixonada por sorvete, mas lá o sorvete era para o irmão, e, para ela, picolé, chegou chamando o sorvete de picolé. Bolacha recheada era para o irmão, para ela, bolacha comum. Ela disse que a outra mãe era muito má, que a

colocava no quarto, ligava o computador com bruxas e a obrigava a assistir. E que eles eram tão maus, que a devolveram ao abrigo. Então disse a ela: “Não, eles não são maus, eles são muito bons, como eles já tinham um filho, e a mamãe e o papai nenhum, eles dividiram com a gente e deixou você para nós, a mamãe chorava muito querendo uma filhinha”. Ela respondeu: “E eles são bons?” “Claro que sim!”

Sempre que alguma dúvida surgia, ligávamos para a psicóloga, e ela nos orientava como deveríamos agir com tantas novas situações com que nos deparávamos. Nossa menina regrediu em muitos pontos: quis mamar no seio, em mamadeira; contei isso à psicóloga, que me disse que era muito bom, porque estava vivendo tudo o que não tinha vivido com a mãe biológica, então estava vivendo agora, uma adoção completa e perfeita. O primeiro dia em que teve febre, ficamos apavorados, pais de primeira viagem, cheguei desesperada no P.A. e meu esposo com ela nos braços, eu estava tão aflita, que eles disseram: “Acho que a mãe precisa de mais atendimento que a filha”; ela com mais de 4 anos, e nós agindo como se ela tivesse somente alguns meses, ao redor, ninguém entendia nada, foi aí que mostrei os papéis à moça do atendimento, então entendeu tudo. Cheguei ao médico e ele me perguntou: “Quanto tempo de febre?” “Umas duas horas”; “Mas só isso?” “Claro!” Mostrei novamente os papéis e disse: “Preciso aprender a cuidar de minha filha, amo ela demais e não sei o que fazer, se vomitar, febre e etc., qual o medicamento, o que fazer?” E o médico encheu várias folhas, me explicando como cuidar dela.

Fomos chamados para uma entrevista e a psicóloga conversou com a gente, eu e meu marido, e depois, sozinha com ela, que bênção! Ficou maravilhada com a alegria de ambas as partes. No dia em que estava fazendo 9 meses, eu estava no cartório, registrando a pequena em nosso nome. Foi quando consegui arrumar os papéis para ficar de licença maternidade, como sou funcionária pública, e era o primeiro caso na minha cidade, foi difícil eles arrumarem os papéis. Aproveitamos demais, viajamos com ela e foi maravilhoso, licença maternidade só curtindo e sem dores, só amor. Voltamos, e o tempo foi passando, ela já não dizia que tinha outra mãe, e sim que houve uma mulher e um homem que a levaram para casa, mas que, depois, a devolveram para o abrigo, que não gostava deles. O nome foi sendo aceito por ela, e tudo foi se resolvendo.

Mas, sabem como é cidade pequena, muitas perguntas: “Quem é ela?” “Nossa filha”, “Mesmo?” “Claro!” “Como você teve coragem?” “Eu tenho vontade, mas tenho medo de dar trabalho.” Era aí que eu respondia: “Dar trabalho, só porque é adotiva? Se fossem os filhos adotivos que dessem trabalho, o mundo seria perfeito, porque tem muito mais filhos biológicos com as famílias por aí que estão trazendo muita tristeza para elas”. E eu defendia sempre, com firmeza, sem aceitar nenhum preconceito, pois sentia e sinto como se estivesse nascido de

dentro de mim. Perguntaram para mim, um dia: “Mas você a ama mesmo?” Coloquei o amor da outra mãe que me perguntou à prova e disse que o meu amor não era menor que o dela e que, se fosse preciso, arrancaria uma parte de mim e daria a ela. Não é sangue que faz amor, nem ser gerada na barriga, até porque senão o pai não a amaria, pois só fica na barriga da mãe. Outra coisa que ouvimos é que filhos ficam mais com a mãe porque ficou na barriga, nada disso é verdade, porque o instinto de mãe é diferente de pai, é aconchegante, amoroso, e pai também tem amor, mas um amor diferente do de mãe.

Como tudo tem consequências, o que o casal fez à nossa filha trouxe tanto medo de nos perder, que ela precisou se tratar com psicólogo por um tempo. E, no final, o psicólogo me disse: “Sabe o que a palavra adoção significa para ela? Salvação”. E nos deu os parabéns.

Ela contava e conta sobre a adoção com a maior naturalidade, tenho vários acontecimentos importantes para revelar, mas um livro seria pouco, vou citar apenas alguns: um dia, me perguntou: “Como chama minha mãe de verdade?” Eu disse: “Lourdes”, e falando por três vezes, repeti a mesma coisa, até que indaguei: “Você quer saber a biológica?”, “Sim”; expliquei e contei tudo para ela. Então perguntei: “Você quer morar com ela?”, “Não, só vontade de saber, não quero deixar vocês nunca”.

Depois desse nosso diálogo, ela começou a criar histórias da vida dela: “Sabe, mamãe, um dia, estava chovendo muito, e minha mãe biológica me colocou no cestinho e me deixou no abrigo, então você foi lá e me buscou.” Um dia, ela me falou que tinha vontade de conhecer a mãe biológica, fiquei trêmula, mas não a deixei perceber, tentei agir com naturalidade e disse: “O dia que você quiser podemos procurá-la para você conhecê-la”, mas perguntei: “Você quer morar com ela?”, “Não, de jeito nenhum, só curiosidade de ver como ela é, ir lá rapidinho e voltar, porque são vocês meus pais”. Nunca falei mal da mãe biológica e sempre disse para minha filha que agradeço muito a ela, porque, se não fosse ela, não teria realizado meu sonho de ser mãe, jamais disse que ela é má.

Apresentações na escola, e nós filmando e babando. No dia das mães, agora que ela está maior, me escreveu uma cartinha, agradecendo por tê-la adotado, li e chorei de emoção. Ela foi passando por algumas dificuldades, devido à falta de atenção na escola, a levamos em vários especialistas e não descobriam a causa, até que, quando estava no quinto ano, descobrimos, com um neuropediatra, que ela precisaria de remédio para atenção, muito inteligente, mas se distrai facilmente o neuropediatra nos disse que o cérebro dela sofreu uma decepção tão grande, que causou transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) e um pouco de dislexia.

Atualmente, ela completa 12 anos em dezembro, mas tenho mais um grande testemunho para dar, ela sempre nos pedia uma irmãzinha, que queria ser tia, era um sonho, e

todo mundo tinha, só ela que não. A gente continuava na fila, nunca tínhamos saído, continuávamos com muita vontade de adotar e ter mais uma menina ou menino. Comecei uma novena de nove meses com Maria, e, no dia de São José, ela sonhou com o anjo, e eu também: sonhei que estava vindo uma menina para nós, contei a todos com muita alegria, mas minha filha duvidou, depois de alguns dias, ela também sonhou. No dia 7 de abril, foi a vez de minha mãe sonhar e ver até o rostinho da menina direitinho. Contou-me cedo, no dia 8 de abril de 2019. Fui trabalhar, pois sou professora, e minha filha também foi para a escola. De tarde, uma assistente social liga de uma cidade do interior de Minas, mais ou menos 450 km de onde moramos, e confirma dados com meu esposo, se estávamos na fila, mas que não era para cultivar esperanças, pois não tinham grandes chances, era só confirmação de cadastro. No outro dia, muito aflita, sem entender direito o que houve, liguei para a assistente social, que me explicou tudo, eu disse para ela que poderia pedir referências nossas e que, inclusive, tínhamos sonhado era uma menina e seria nossa, mas ela não acrescentou mais nenhuma informação e frisou para não criarmos esperanças, contei que já tínhamos adotado uma menina.

Dias se passaram, a assistente continuou no cadastro e duas pessoas que estavam na nossa frente desistiram. Chegou nossa vez! Então ela ligou, no dia 11 de abril, e conversou com meu esposo, disse que tinha chegado nossa vez no cadastro e que era uma menina de 2 anos e 7 meses. Eu e minha filha estávamos na escola, ele pediu para ela me ligar quando chegasse. Quando cheguei, ele me contou e fiquei muito emocionada, minha filha também. Pouco depois, meu telefone tocou, era ela e eu tremia de emoção, era uma felicidade inexplicável, foi contando a história dela toda para mim, os pais alcoólatras, que tinham tentado tudo e não teria como recuperá-los, a família toda já tinha sido acompanhada e desde os 6 meses morava no abrigo, eles iam para o bar beber, a deixavam toda suja no bar, me perguntou se aceitaríamos a história dela, conversamos e dissemos que sim. “Então vou enviar fotos dela para vocês e peço que me enviem de vocês para prepará-la, tirem foto da casa, dos parentes e etc.” — assim fizemos. À noite uma funcionária fez uma chamada de vídeo para ela conversar com a gente, que alegria. Quando desligou, nos contaram que ela queria falar mais com a gente. Mandamos documentos e foi acertado tudo, combinamos que, no sábado, dia 13 de abril, de madrugada, era para viajar para lá, ficar no hotel e conviver com ela para acertar tudo e trazer ela para ser nossa segunda filha. Vocês não imaginam a alegria de arrumar as malas para buscar nossa pequena. Minha filha, meu esposo e eu quase não dormimos de tanta alegria, chegou o grande dia, partimos às 4 horas da manhã, para chegar cedo lá. Às 11 horas, chegamos; ela estava no banho, ficamos esperando um pouquinho, e ela veio de bracinhos abertos para nós. Arrumaram-na e a levamos para almoçar com a gente, não sabia quem

estava mais feliz, nós ou ela. Fizemos tudo que nos pediram, onde deveríamos ficar e por onde podíamos andar, mas deixou o número de telefone com a gente tudo certinho, assinamos os papéis da permissão para ficar com ela no hotel. Ela foi com a gente numa boa, minha filha levou alguns brinquedos e ela amou, tinha piscina no hotel e nadaram juntas, que família feliz!

Eu me senti como se estivesse internada no hospital ganhando mais uma filha. Quando estava trocando de roupa, achei muito interessante, ela me disse assim: “O que é isso?” Apontando para os meus seios, expliquei para ela, ficou olhando e me disse: “Você vai amarrar eles?” Então expliquei o que era um sutiã. Passeamos na cidade para comprar algumas roupas, e assim o final de semana terminou. Logo de manhã, na segunda-feira, tivemos que ir novamente ao abrigo, para conversar com o psicólogo e ver como tudo estava, mas ela não ficava longe da gente, teve que ficar na sala conosco, só perto de nós. O pessoal do abrigo querendo tirar fotos e ela agarrava meu pescoço de medo de ficar lá com eles. Saímos e fomos direto para o fórum arrumar os papéis e conhecer a pessoa maravilhosa que nos ligou, a assistente social, que bênção! Arrumou todos os papéis e saímos de lá com a guarda provisória para registrar em nossa cidade a guarda definitiva dela.

Quando chegamos em casa, ela ficou sem entender muito o que estava acontecendo, mas estava feliz, a primeira coisa que achou foi a mamadeira e me disse: “Olha, mamãe, a minha mamadeira, agora achei”. Começou olhando as fotos na parede e perguntando “por que não estou aqui? Onde eu estava?” Disse para ela que não tínhamos buscado ela ainda. Tivemos que revelar rapidamente uma foto de nós quatro e pendurar, para ela se sentir mais feliz. Ela também, como minha outra filha, olhou para os meus seios e disse: “Mamãe, isso aí é mamadeira?” “Não”, expliquei para ela, mas me pediu também para mamar, me disse que um era dela e o outro da irmãzinha dela. Ela veio com fraldas, tinha que levantar à noite, experimentei tudo que um bebezinho poderia fazer. Procurei rapidamente um advogado para arrumar os papéis da guarda definitiva e entramos no fórum.

Dessa forma, começou nossa segunda etapa de desafios, ciúmes demais da irmã mais velha, e ela não aceitava nenhum homem, nem o pai, nem os tios, olhava para meu esposo e dizia: “Eu tenho medo dele”. Ficava só no meu braço, meu esposo, com toda paciência, respeitou essa decisão dela, mas ficava triste, minha filha mais velha também. Ganhei minha licença maternidade assim que cheguei com ela, que maravilha! Quatro meses sem barriga cortada, sem mal-estar, só curtindo minha bebê, derretendo de tanto amor. O tempo foi passando, devagarinho minha filha mais velha chegava e abraçava o pai, ela falava para a irmã mais nova que podia, começaram a brincar com ele, até lacinho colocou no cabelo dele, e ela foi chegando devagarinho com muito medo, mas fazíamos sem obrigar ela a nada. E quando já tinha quase dois meses, pensa numa menina apaixonada pelo pai, andava no pescoço dele o

tempo todo, queria ir para cama dormir junto com a gente, procurava papai toda hora, se ela saísse ficava perguntando preocupada com ele, e até hoje é assim, gosta demais do papai, quando perguntamos de quem ela gosta mais, “do papai ou da mamãe”, dos dois, ela responde.

Minha filha mais velha falava com ela do abrigo, mas ela não entendia nada. Giovanna ainda tem ciúmes da irmã, mas melhorou muito, tem bem mais amor que ciúmes agora. Um dia, contei uma historinha para ela, que tinha uma menininha que morava com muitas crianças e que lá não tinha papai nem mamãe, então ela me falou que tinha mamãe ruim lá. Passado mais um tempo, voltei a contar a história para ela e disse: “Você não nasceu da barriga da mamãe, você nasceu no coração, igual sua irmãzinha”. E agora, quando ela vê fotos de passeios em que ela não está, ou algum lugar que a gente vai e ela não conhece, me fala: “Não conheço, porque eu estava no coração da mamãe, demorou demais eu chegar”. Não escondo nada das minhas filhas, jogo aberto, conto tudo, tenho todos os papéis para mostrar-lhes quando crescerem e quiserem saber.

Minha licença então chegou ao fim, e tive que arrumar uma babá para ficar com ela, pois não consegui colocá-la na escola por causa da idade. No começo, ficou com um pouco de medo, de não buscá-la, mas logo se sentiu segura e entendia que não deixaria ela por nada. Entrei de férias, viajamos para Aparecida do Norte e para a praia em janeiro de 2020, foi maravilhoso, nossas filhas amaram, a mais nova, que nunca tinha ido, ficou encantada, e tudo que fazemos é em família. Logo depois, em fevereiro, começou na escolinha toda animada e na mesma escola que eu também estava trabalhando, estava encantada com os coleguinhas, professora, escola, tudo. Em março, veio a pandemia, nossa! Nada de colegas, nada de escola, só em casa, mas o que estamos fazendo? Fortalecendo nossos laços de amor a cada dia, colocando muito amor em cada coisa que a pandemia limitou. Temos piscina em casa, elas nadam, brincam e a gente com elas. Agora começou no balé, está toda contente, gosta muito de dançar. Consegui batizá-la, fizemos aniversário dela e já a registramos com nosso nome.

Espero que eu possa ter ajudado, contando um pouquinho do que vivemos até adotar e o quanto é gratificante. Sinto-me realizada, hoje não sou menos que ninguém, sou mãe com muito orgulho. Mas queria que pensassem muito, não adotem por pena, não adotem por caridade, não adotem para fazer bonito para os outros. ADOTEM porque querem ser pais de verdade, querem ter filhos. E saibam, tem muitas alegrias, desafios como qualquer outra filho biológico, jogue o orgulho de lado e pense: quero ouvir choro de recém-nascido ou estou com sede de ouvir uma criança me chamar de pai, ou mãe? Pense, você aguenta muito tempo esperando um bebê? Porque falam por aí que é mais fácil ficar do seu jeito, que criança maior

é muito difícil, falo a vocês, as crianças que moram no abrigo são muito especiais, sofreram muito e são bem diferentes de crianças que nunca passaram desafios, elas valorizam bem mais tudo ao redor. Seja feliz, não espere tanto! Faça opção de adotar mais rápido, procurando abrir mais as possibilidades: no nosso cadastro, nós aceitávamos irmãos e crianças maiores. “E lembre-se, qualquer uma pode viver bem, após a retirada do útero... Mas ninguém, e absolutamente ninguém, vive se o coração lhe for retirado!” Uma mãe de verdade gera seu filho no coração, independentemente se ao mesmo tempo ele é gerado ou não em seu útero... Mães adotivas são assim. Não levam os filhos no ventre, mas no coração.

